

\* 6 MAI 1990 Da Vida e da Morte *Náucole*

**N**um espaço de poucos dias a opinião pública se sentiu chocada com dois casos extremos de negligência médica: uma criança morreu na sala de espera de um hospital por falta de atendimento e um jogador de futebol também morreu por ter sido tratado com analgésicos quando na realidade estava com traumatismo craniano.

Os dois fatos, bastante divulgados (o próprio presidente da República exigiu a apuração da responsabilidade pela morte da criança no hospital de Brasília), mal escondem cifras assustadoras de negligência e erros médicos que colocam o Brasil entre os campeões do mundo de falta de ética médica. Quando se sabe que só em 1988 houve em todo o Brasil quase mil e quinhentas denúncias de erros médicos, mas que não há um só médico ou diretor de hospital preso por negligência ou imperícia, é fácil concluir que os médicos podem fazer o que quiserem (ou, no caso da omissão, nada fazer) sem serem obrigados a assumir a responsabilidade.

Os Conselhos de Medicina, na expressão do dr. Jayme Landmann, tornaram-se "entulhos de autoritarismo", destinados antes a proteger o médico e não o doente. O grave disto é que o doente é quem morre. Qualquer tentativa de apurar responsabilidades esbarra num formidável espírito de corpo que torna a medicina imune ao humanitarismo. "A medicina organizada", disse o dr. Landmann, "é uma Igreja inflexível cujos sacerdotes são médicos que cassam os que procuram questionar seus dogmas."

Se nem os próprios médicos faram a barreira do *esprit de corps*, como acreditar que parentes, ministros ou até o presidente da República consigam a apuração dos fatos? Tudo se passa como se houvesse um sistema em que os médicos podem errar à vontade sem que nada lhes aconteça. A descrença na apuração das responsabilidades faz parte da índole do povo brasileiro. Militar não condena militar, médico não condena médico, político não condena político, estabelecendo círculos de cumplicidade responsáveis por distorções crapulosas.

No caso da medicina, há uma realidade que não pode ser descartada: erros médicos destroem vidas. A omissão é um crime duplamente condenável, por expor a população aos azares do mau humor de alguns médicos (caso daqueles que não

interrompem o almoço, indiferentes à sorte dos moribundos) ou a negligência que permite a receita de um simples analgésico para um grave caso de traumatismo de crânio. Onde fica a verdadeira ética em tudo isto? "Ética para mim", disse o sanitário Eduardo Costa, "não é nada mais do que o respeito pela vida. Todo o resto é parafernália política".

Este é o ponto principal: acima das deficiências da medicina brasileira, explicáveis (mas nunca aceitáveis) num país ainda longe do desenvolvimento econômico desejável, a indiferença pela vida humana assume características de calamidade pública. Ao contrário dos EUA, onde a febre dos processos judiciais encarece a medicina, mas demonstra o respeito e o cuidado pela vida, no Brasil durante o ano passado apenas dois médicos foram cassados (contra 63 nos EUA).

A distorção está aí: no Brasil, a ética cuida mais da organização profissional e da conduta do médico com seus colegas do que da conduta do médico com o doente. Por isso morre tanta gente, e por isso tanta gente continua impune, apesar de erros grosseiros que são do conhecimento público. Os hospitais se tornaram lugares perigosos onde se busca a cura e se encontra a morte. O sistema de saúde é incompetente. A mercantilização da medicina foi levada a consequências tão dramáticas que o dr. Sérgio Arouca costuma dizer que o Brasil não conseguiu erradicar a malária e a doença de Chagas, mas quase erradiou os apêndices e a amígdalas da população brasileira.

O Código Civil (artigo 1.545) determina que médicos e cirurgiões indenizem pacientes sempre que agirem com imperícia, negligência ou imprudência. Mas como se explica que os médicos, apesar das mortes fartamente divulgadas, continuem a pairar acima da lei e acima do bem e do mal?

Enquanto crianças continuarem a morrer na sala de espera dos hospitais e os médicos permanecerem impunes, a sensação de injustiça fará tanto mal ao brasileiro quanto as doenças, ou mais. Como disse ainda o dr. Landmann, o atual código de medicina só é bom para o médico e ruim para o povo. É assim que se explica como existem tantos pacientes no cemitério e nenhum médico na cadeia.